

Francisco Marqueline Santana

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Escola e bem viver

Volume 3 | 2ª edição



Francisco Marqueline Santana

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Escola e bem viver

Volume 3 | 2ª edição



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Francisco Marquelino Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
S232	Santana, Francisco Marquelino Escola e bem viver / Francisco Marquelino Santana. – 2. ed. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1320-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.202230505 1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Santana, Francisco Marquelino. II. Título. CDD 869.91
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Eu dedico este livro à nossa escola:
escola pública e multicultural,
escola singular, escola plural,
escola indígena, escola quilombola.
Escola de sonhos detidos em gaiola,
escola que busca a real libertação;
escola de todos e de todas da Nação,
escola que tolera as diferentes diferenças;
escola que respeita gênero, raças, crenças,
escola que exige a sua emancipação.

Escola guia da heterotopia,
do ribeirão, do seringueiro;
escola que adota o estrangeiro
e dá a ele um raio de um novo dia.
Escola que cheira à pura empatia
que transforma com empoderamento;
escola da alma do pertencimento
que acende o espírito do bem viver;
escola que valoriza eternamente o ser e
voa firme nas asas do conhecimento.

Escola que escuta a voz dos refugiados
nos mostrando que não há uma só bandeira;
escola que rompe o apartheid da fronteira
declarando que jamais serão humilhados.
Escola onde os filhos expatriados
são aceitos sem lhes impor a censura;
escola que não lhes nega o direito à leitura,
nem os priva de sua história artística;
escola de visão democrática e holística
que respeita língua, modos de vida e cultura.



Como podemos identificar o exato momento em que recebemos uma boa notícia?

Eu estava amazonicamente, caboclaemente deitado em minha rede, quando fui convidado pelo poeta cordelista e meu amigo Francisco Marcelino Santana para fazer o prefácio da trilogia de seu livro *Poemas da vida amazônica*.

Então, no embalo da rede comecei uma viagem para pensar em poesia. E consequentemente, pensar especificamente em poesia nordestina. Procurei por origens, formas, linguagens e tipos. Fui visitar as obras de meus amigos poetas e repentistas pois eu queria entender o que é a poesia nordestina.

Apenas puxei pelo fio do novelo e fui cair no universo diverso e rico da poesia. Essa foi uma demorada viagem porque não se faz de uma vez... é devagar... é por aproximação... também é preciso ser aceito. Pude ter acesso a algumas coisas e assim compreender, saborear, me deleitar passo a passo nesta onírica viagem rumo a poesia. A poesia é algo presente no pulsar da vida... É uma forma de olhar o mundo, a natureza e a vida de maneira primordial...

A poesia tem rima, ritmo e também não os têm... O que é a poesia então? Simples: é linguagem fluída. É mais ou menos assim: quando penso em Drummond, me revela muito forte a memória e o lugar; já em Shakespeare sinto o despertar para a humanidade... Penso em Zé da Luz e tudo que é atribuído a Zé Limeira e percebo que tudo pode ser re combinado, reestruturado e o que chamo de realidade está livre para ser totalmente subvertida na “poesia do absurdo” onde todas as formas, coisas, naturezas se juntam, conversam e interagem; encontro Patativa do Assaré e vejo o homem sábio que se faz e dialoga com o mundo... Catulo da Paixão Cearense que enxerga as formas de maneira embevecida... Vou visitar meu amigo poeta Alberto Lins Caldas, que com sua poesia entra na escuridão para reencontrar e reacender a chama do humano que existe em cada um de nós... E Cora Coralina? É uma mulher que passa toda uma vida colhendo palavras e no auge de sua vida se autoimortaliza e explode em palavras e encantos... ao encontrar Manoel de Barros sou impactado por suas poesias que destroem qualquer arrogância, posse ou materialidade das “importâncias” e então eu entendo “das desimportâncias do mundo”... Lembro de José Accioly Cavalcante Neto que em seu poema “Natureza das coisas” diz:

“a natureza não tem pressa, segue seu compasso, inexoravelmente chega lá”, trazendo para sua sua poesia a palavra “inexoravelmente”... Como trazer uma palavra tão complexa para a poesia? Resposta simples: para a poesia não há limites ou muros, então, tudo se torna inexoravelmente possível...

O que é a poesia? Não sei. É expressão clara do espírito, a abrir o peito e mostrar o coração. É o ser humano se decompor em emoções e lágrimas e se reconstruir humanamente mais leve e mais puro.

E a poesia nordestina? Seja a “poesia nordestina” ou cordel ou poesia do povo, com sua origem vinda dos mouros e ibéricos, é uma criação própria do Nordeste brasileiro. É a nossa brasileira encantada... Me encanta a sonoridade, a posição das palavras... As palavras têm sintonia, se combinam com outras palavras como uma sinfonia. O caminho de fato não é uma preocupação pelas origens... esta é apenas o ponto de partida...

Aprendi com o poeta Alberto Lins Caldas que a “poesia nordestina” é o semiárido, o agreste, as zonas da mata, as pequenas cidades, as grandes cidades, o mar, as passagens, as pousadas que se tornariam cidades, as passagens e cruzamentos de rios, estações, explorações, crimes, violências, rememorações, comemorações, maneiras de manter a vida e suas âncoras, a vida e a morte, honras e desonras, pai e mãe, poderes e fraquezas, o que fazer, como dizer, o que escutar, como escutar, o corpo, os corpos, o desejo, os desejos. Escrever para fazer-se escutar e ensinar para criar seu lugar, proteger seu lugar, não apagar o passado, mas torná-lo grande e permanente. Uma maneira de alegria e dor. De fato, o poeta Alberto Lins Caldas sabe traçar um perfil do que é a poesia nordestina.

Já é momento de tratar da trilogia *Poemas da vida amazônica* do sertanejo Marquelino Santana professor, acadêmico, escritor, poeta e cordelista. Nascido na pequena cidade de Mauriti, interior do Ceará, onde firmou sua poesia junto a outros poetas e repentistas, como Patativa do Assaré, José Fernandes, Aderi Júnior, Pedro Ernesto, Neto Gomes, Raimundo Mariano, Daniel Mariano, Paulo Pereira, Horácio Neto, Acrísio Pereira e os saudosos Francisco Neto e Geraldo Nascimento, como tantos outros de sua região. Mauriti é cidade localizada na Chapada do Araripe, possui uma vegetação de caatinga, local de habitação dos povos tapuias. No poeta Marquelino corre em suas veias o valoroso sangue do povo Kariri talvez por isso, além de poeta cordelista e professor, é um ser humano de grande valor, amigo, solidário, fraterno, conciliador. Mas é preciso dizer já que estamos tratando da fala, que Mauriti vai se revelar em encantamentos e

versos quando é pronunciada na sonoridade correta: “Mauri-tí” acentuando forte na última sílaba.

A obra *Poemas da vida amazônica* é dividida em três tomos: “morte e vida seringal”, “etnocídio e resistência dos povos indígenas” e “escola e bem viver”. São três livros interligados e que trazem toda a carga cultural vivida e experienciada pelo poeta cordelista.

Logo no primeiro volume, *Poemas da vida amazônica: morte e vida seringal*, com o poema “Seringueiro sim, seringanado não” o poeta amplia o entendimento das palavras e já demonstra a sua postura de enfrentamento ao contar sob o olhar da vivência, a trajetória silenciada pela história oficial. A experiência do nordestino que chega na Amazônia para viver nos seringais, denuncia que esse ser humano, o seringueiro, não quer ser enganado. É uma narrativa contundente de avós, pais e de si próprio. Em versos está retratada a autobiografia que traz uma vivência coletiva. O olhar, a fala, a vida do nordestino que chega para trabalhar na Amazônia nos períodos de exploração da goma da borracha é silenciado. Os registros históricos validados e oficiais trazem uma versão distante ou invisibilizada da vida deste seringueiro. O cordelista Marqueline em palavras poetizadas e de profunda emoção traz os aspectos históricos sob outra perspectiva, a de quem viveu, sofreu e enfrentou o ambiente amazônico sob um regime econômico e de trabalho brutal por duas vezes aplicados pelo capitalismo no final do século XIX e meados do século XX na Amazônia.

A narrativa poética do cordelista Marqueline retrata a vida dos povos originários de um ponto de vista humano, solidário e de proximidade com os povos originários encontrados aqui na Amazônia. Não há contradição entre o kariri adormecido no sangue do cordelista com os povos que aqui encontrou e convive. A poesia cordelista retrata a dor e o sangue derramado dos povos originários, conforme podemos verificar nos poemas do segundo volume da trilogia, *Poemas da vida amazônica: etnocídio e resistência dos povos indígenas*.

O terceiro volume da trilogia, *Poemas da Vida Amazônica: escola e bem viver*, é ambientado no sonho e amor que o cordelista Marqueline tem pela escola, pelo processo mágico e transformador do ensinar-e-aprender, dos saberes e do conhecimento. Assim se caracteriza o volume três “escola e o bem viver”. A escola é o universo onírico retratado pela narrativa poética do cordelista. A escola, o aprender, o reconhecer os diversos saberes rompem os limites do tempo pois modela o futuro, constrói sonhos, alimenta a liberdade, desvanece a obscuridão da ignorância, floresce a felicidade e nos reconhecemos humanos...

demasiadamente humanos...

Hora de voltar de minha viagem pela poesia proporcionado pela obra *Poemas da vida amazônica*. Não é uma viagem necessariamente particular. Basta abrir o livro do cordelista Marquelino.

A minha mente ainda na poesia, o meu pé levemente toca no chão e impulsiona minha rede e volto a me embalar...

preguiçosamente...

caboclamamente...

amazonicamente...

Como diz o povo Kaxarari ao finalizar uma fala: "... era só isso que eu tinha pra dizer..."

Josué da Costa Silva

NO CAMINHO DA ESCOLA	1
ESTUDANTE CAMPONÊS	3
A ESCOLA NOSSA DE CADA DIA	6
A LIÇÃO DA SEMENTE	9
AUTORITARISMO	12
PEDAGOGIA DA INCLUSÃO	15
AMAZÔNIA PECULIAR	25
ENCONTRO DAS ÁGUAS	26
PROCLAMEMOS A REPÚBLICA	27
HOMENS DE FERRO, ESTRADA DE SANGUE	28
DA CAATINGA AO SERINGAL	29
POSFÁCIO	58
REFERÊNCIAS	62
SOBRE O AUTOR	67

NO CAMINHO DA ESCOLA

Ainda cedo pulei da rede e levantei,
surubim já estava me esperando;
a madrugada ainda estava serenando
e o cavalo ligeiramente arriei.
Na beira do rio eu logo cheguei
e amarrei surubim na castanheira.
Tirei a canoa debaixo da ribanceira
e descemos as águas do Abunã;
uma farofa com patuá e tucumã
na hora da fome era a melhor companheira.

Otaviano já estava bem desasnado,
até seu nome já sabia escrever;
algumas palavras ele já sabia ler,
mas lia um pouco atrapalhado.
Comigo só andava empareado
e na escola eu o levava todo dia.
O meu filho era a melhor companhia:
de trabalhar, de caçar e de pescar
e quanto mais ele queria estudar
mais ligeiro Otaviano aprendia.

Já bem perto da curva do rio
avistei compadre Sebastião
fazendo o trabalho de extração
que a seringa sempre serviu.
Mesmo de longe se viu
ele no cabo da raspadeira
preparando o corte da bandeira
para o leite poder derramar;
depois a tigela vai colocar
no corpo da Mãe Seringueira.

Otaviano já estava bem enfadado

de tanto a canoa balançar;
de repente, começou a vomitar
e vomitou o que tinha merendado.
O menino ficou encabulado
pelo cheiro da catinga fedorenta.
Ligeiramente ele tapou sua venta
e com um saco de estopa se limpou;
felizmente na escola ele chegou,
mas do esforço ele nunca se lamenta.

Otaviano continuou a estudar
até o dia em que eu adoeci
e o resto da vida eu vivi
com um filho sempre a me ajudar.

Tornou-se homem para poder trabalhar,
mas nosso sítio foi sendo encurralado.
O nosso peito foi sendo asfixiado,
minha família não pôde mais ficar;
minha família perdeu de vez o lugar
e o nosso povo foi desterritorializado.

ESTUDANTE CAMPONÊS

Vi um jovem camponês a meditar
sob o olhar atento do professor;
era um jovem, um talento, um sonhador
que em silêncio insistia em filosofar.
Viajava solitário sem parar,
igualmente a um velho peregrino.
Seu casebre de palha era seu hino
que alguém criminalmente queimou;
aquele jovem espantado só despertou
quando bem alto escutou tocar o sino.

Magro, alto, frágil, franzino,
sentia no peito o ódio lhe dominar;
ao perceber o professor se aproximar
virou a cara igual raivoso menino.
Na sua mente só se lembrava do assassino
que cruelmente matara os irmãos seus.
Carbonizaram aqueles pobres plebeus
sob as ordens cruéis de um fazendeiro;
estava ali mais um herói brasileiro
indignado, pedindo justiça a Deus.

Mateus era um jovem talentoso
que sonhava com um mundo melhor;
ao lado dos pais ele temia ver o pior
por conviver num espaço perigoso.
Ele sentia o poder do criminoso
detentor do poder do mundo agrário,
explorador do pobre em calvário
que queria dominar os sitiados,
alvo fácil do jugo dos dominantes
e da ganância do latifundiário.

Acaba a aula e Mateus sai devagar,

cabisbaixo, triste, revoltado,
com o coração ferido e magoado
vai sem rumo pela estrada vagar.
Chuva, lama, tudo ele vai encontrar
até chegar ao aconchego destruído;
encontra o lar profundamente abatido
numa barraca que acabara de fazer;
abraça os pais, sem poder nada dizer
e de joelhos chorou, depois, comovido.

— Meu pai, minha mãe, meu lar querido,
nossa vida precisa continuar;
meus estudos, agora quero abraçar
e nesta luta não vou me dar por vencido.
Vamos voltar a ser um lar aguerrido
sem nunca temer a voz do dominador.
Naquele instante, chega lá seu professor
e lhe abraça carinhoso e fraternal,
faz um pedido de justiça social
mostrando a ética de um grande educador.

— Quero, aqui, compartilhar com sua dor
e com a tristeza que invadiu seu coração;
na sala de aula percebi com emoção
que os seus olhos noticiavam clamor.
Transforme o ódio na grandeza do amor
e acredite na justiça brasileira.
Esta terra é sua pátria e sua bandeira
e é nela que você vai trabalhar,
ninguém aqui será capaz de roubar
o que seus pais construíram a vida inteira.

Tempos depois já no convívio escolar,
agora na sala, o aluno, o professor,
em debate, o pequeno produtor, s
ua vida, seu trabalho, seu penar.

O latifúndio insiste em ameaçar,
do pequeno, sua dignidade;
no Brasil, a triste e amarga realidade,
que entristece a nossa história;
a injustiça no campo é notória,
no país que adota a impunidade.

No sistema brota a incapacidade
de resolver o problema da violência;
o pequeno, no fosso da subsistência,
teme o preço da marginalidade.
Os altos índices de criminalidade
deixam rastros de sangue pelo país;
o povo pobre, miserável, infeliz
não conseguem libertar-se dessa insônia:
o dominante destruindo a Amazônia,
ferindo a Pátria com maligna cicatriz.

Termina o debate e Mateus na sala diz:
— A nossa gente não precisa de esmola,
a nossa gente precisa de uma boa escola
e de um lugar que deixe a gente feliz.
Viver em paz é o que a gente sempre quis,
basta entender nossa luta, nossa dor,
da floresta ser eterno defensor
e ver na cultura a cara da liberdade;
à minha escola agradeço de verdade
por ter você, meu amigo e professor.

A ESCOLA NOSSA DE CADA DIA

Obrigado, Senhor, eu te agradeço
por amar este ambiente escolar;
eis aqui, a minha vida, o meu lar,
que em oração, de joelhos, te ofereço.
O teu amor por nossa escola não tem preço,
pois dentro de nós reflete a tua imagem;
aqui vivemos numa perfeita interação
acreditando na força da profecia;
abençoa-nos, Senhor, a cada dia
ofertando-nos uma boa aprendizagem.

Dê-nos força, incentivo e coragem
para que na vida possamos, enfim, vencer;
nosso convívio é um eterno aprender,
ilumine, pois, esta querida paisagem.
É necessário que aqui todos se engajem
para obtermos um ensino de qualidade;
acreditamos no empenho e capacidade
dos nossos mestres, que nos dão muito valor;
eles trabalham com fé, paz e amor,
ensinando-nos a ter respeito e humildade.

Nesta oração, Senhor, digo em verdade
que é preciso respeitar as diferenças
abolindo de uma vez as desavenças,
com afeto, carinho e fraternidade.
Abençoa, Senhor, nossa comunidade
ajudando-nos a combater a exclusão;
precisamos ter mais valorização
e uma escola que almeje autonomia,
pois só assim os valores e a cidadania
tornar-se-ão esteios de uma nova nação.

Senhor, eu te peço nesta oração

que o ensino obtenha mais qualidade,
que o professor tenha mais humildade
e sempre faça cursos de capacitação.
Faça com que o orçamento da União
beneficie cada vez mais nosso ensino,
pois fico triste quando vejo um menino
trabalhando em vez de estudar;
aí começo, eu mesmo, a me perguntar:
“qual seria desta vida seu destino?”

Como é bom a gente cantar o hino,
ir na sala para ler e escrever;
Senhor, lá na rua eu só vou sofrer
e me tornar um mendigo peregrino.
Senhor, escuta aqui meu desatino
e me salva desses caminhos errantes,
sensibiliza todos os nossos governantes
a investir na escola com honestidade;
que os recursos sejam aplicados de verdade
para não sermos o país dos ignorantes.

Senhor, todos nós aqui estudantes
almejamos uma escola melhor,
onde tenhamos um espaço maior
para do esporte nos tornarmos praticantes.
Muitos atletas que hoje são importantes
tiveram oportunidades de treinamentos,
piscinas, quadras e outros equipamentos,
que lhes tornaram invejáveis desportistas;
quer no campo, na quadra ou nas pistas
a sua luz abençoou seus conhecimentos.

Abençoa, ó Deus, os nossos pensamentos
como ensinastes assim, ao teu filho Jesus,
aquele que por nós o pregaram numa cruz
utilizando os mais perversos instrumentos.

Preservai em nós os teus sentimentos
abençoando nossa escola de coração.
Às nossas crianças nunca deixe faltar o pão,
iluminando os seus dias à tua imagem;
que elas cresçam tendo boa aprendizagem
e sejam sujeitos de uma nova educação.

Pedimos-te, ó Senhor, tem compaixão
daquele aluno que sequer tem um caderno;
dai a ele a justiça do amor eterno
e promovei sua consciente libertação.
Da faculdade, brotará sua formação
e do seu peito, sua eterna felicidade.
Suas ações serão atos de humildade
e seu caráter, recheado de valores,
o seu caminho terá perfume de flores
e suas ideias transformarão a humanidade.

Combatei, ó Deus, a impunidade
que se alastra pelas estradas da vida;
combatei esta maligna ferida
que envergonha toda nossa sociedade.
No País impera a desonestidade
e toda forma de discriminação racial.
A revolução que faremos será cultural
e teu espírito nos dará força e coragem;
a nossa escola buscará na aprendizagem
todo amparo de justiça social.

A LIÇÃO DA SEMENTE

Saí de casa, lacrimoso, transtornado,
pois na escola era meu primeiro dia;
ao meu lado, minha mãe não percebia
que ali eu estava revoltado.
Preso, triste, realmente magoado,
na escola eu insistia em não entrar;
era como se alguém quisesse roubar
o meu lazer e a minha liberdade;
na minha mente só reinava uma verdade:
aquela escola queria roubar o meu lar.

Aos gritos comecei logo a chorar
e minha mãe, ansiosa, não entendia
que só eu sabia o que sentia
ao saber que sem ela iria ficar.
De repente, vejo alguém ali chegar
e me abraçar muito carinhosamente;
era uma senhora alegre e sorridente
que me fez, enfim, poder sorrir;
suas palavras amigas me fizeram sentir
que era preciso eu plantar uma semente.

Ingressei num mundo diferente
achando tudo muito triste e esquisito;
um garoto me empurra, dá um grito,
olhando-me violento igual serpente.
Fiquei apático feito frágil penitente,
indo para a sala, trêmulo, angustiante
sentindo a falta do meu pai, pobre feirante,
que dos seus passos não me separava;
lembrei de tudo que ele me falava
mas esta vida para mim ficou distante.

A professora em seguida se apresenta,

pede silêncio, repassa alguns informes,
fala do horário, do uso de uniformes
fala das normas e em seguida ela se senta.
Observa, levanta-se, fica atenta,
depois começa a falar da vida prática;
Fala de compras de maneira enfática,
tentei falar do preço da melancia
e outras coisas que na feira meu pai vendia,
mas, de repente, ela me cala e fica estática.

— Não estou falando de matemática,
respondeu em tom alto e grosseiro;
fiquei com medo, minha voz sumiu ligeiro
e a sala inteira ficou quieta e apática.
Em seguida ela muda sua tática
e de seus problemas começa logo a falar.
Irrita-se, fica brava, e vai chorar;
aquela cena foi triste e comovente
e até achamos que ela estava doente
e precisava de alguém para lhe ajudar.

Apavorei-me e na sala não quis ficar,
saí correndo sem saber aonde ia;
depois senti que mais alguém me seguia,
olhei para trás e a pessoa pude identificar.
Era a senhora da semente que estava lá,
preocupada com o que tinha acontecido;
acalmou-me, me chamou de filho querido,
depois a ela perguntei ligeiramente:
- A senhora não é a mulher da semente?
- Sim, sou eu, achei que tivesse esquecido!

- Mas porque você estava correndo?
Fique calmo, eu quero lhe ajudar!
Eu sou professora, você pode me falar...
Pela conversa eu fui logo percebendo

que a mulher que eu fiquei conhecendo
era amiga e grande conselheira;
em seguida, lhe contei a história inteira
e ela me disse que resolveria a questão;
conversou com alguém, segurou minha mão
e em sua sala sentou-me numa cadeira.

Chegando à sala, ela fez uma brincadeira
e todo mundo ali ficou sorridente;
depois perguntei sobre a história da semente
e se realmente ela era verdadeira.
Ela me olhou como amiga e companheira
e disse a mim que a história era verdade;
chamou a turma, cheia de felicidade,
pegou umas mudas de uma sacola,
depois plantamos no pátio da escola
e ali fizemos uma grande amizade.

A árvore nasceu e virou uma realidade,
cuidamos dela, ela cresceu saudável;
demos amor, ela ficou amável
e, entre nós, nunca houve falsidade.
Ela deu frutos de ótima qualidade,
o mais importante a professora construiu;
eu aprendi ser amigo, ser honesto, ser gentil,
aprendi a plantar a semente do amor;
aprendi a não guardar mágoas, nem rancor,
eu aprendi a construir um novo Brasil.

AUTORITARISMO

São quatro paredes que triste vejo
assustando-me e querendo me prender,
são colunas detentoras do poder,
sem amor, sem carinho, sem festejo.
Mais parece passos fúnebres em cortejo
carregando um defunto à sepultura;
o suserano me condena à amargura
de viver como servo a vida inteira;
como é triste conviver numa cadeia,
desprovido totalmente de cultura.

Aquele quadro condena-me à tortura,
destrói-me, me maltrata e causa dor;
mais pareço um objeto sem valor,
pois me veem com sintomas de loucura.
Não resgatam do meu peito a bravura,
desprezando meu saber e meu pensar,
desconhecem a virtude do meu lar
e me calam nas grades desse presídio;
minha mente sofre hoje um genocídio
pretendendo um dia se libertar.

Não me falam do ato de educar
como símbolo de minha libertação;
este aparelho me condena à opressão
excluindo o papel de politizar.
A manobra do poder de alienar
continua fortemente a cada dia;
a clientela é julgada à revelia,
desprezando critérios de avaliação;
é preciso repensar a educação
construindo os degraus da cidadania.

Conteúdos privados de democracia

faz renascer os anais da ditadura;
o imperialismo agride a nossa cultura
ferindo a tiros a nossa soberania.
A escola ainda sonha com a anistia
de abolir este crime derradeiro.
Hoje vivo realmente prisioneiro
perseguido com cruel perversidade;
eu imploro pedindo minha liberdade,
mas, continuo algemado em cativo.

Sou um jovem, igual pássaro num viveiro
impedido de alçar voo livremente;
eu preciso libertar a minha mente
resgatar essa força de guerreiro.
Minha identidade tem sangue de brasileiro,
de respeito ao meu berço cultural,
de amor à nossa pátria nacional,
à nossa gente, nosso sangue, nossas crenças,
respeitando todas nossas diferenças
e acreditando na justiça social.

Na sala de aula, deveremos afinal
acreditar na força da juventude;
no educador será principal virtude
ter amor no seu peito como sinal.
Enfrentar a ideologia do capital
e nos mostrar uma tela de novas cores.
Resgatar a vida, nossas origens e valores,
incentivando da batalha o heroísmo,
combatendo na sala o terrorismo
e premiando, no talento, os vencedores.

Lutarei contra todos os ditadores
que insistirem em ferir a democracia;
o ditador nunca mais exilaria
poetas, artistas e pensadores.

Os estudantes agora serão condutores
de uma nova história que surgirá.
Nossa bandeira de luta não morrerá
frente ao massacre do mundo globalizado;
o fisiologismo será, enfim, sepultado
e a ética humana triunfará.

O império está prestes a malograr
sob a força da voz da revolução;
a educação transformará a Nação
e esta sala poderá filosofar.
A cicuta, ninguém mais dela beberá,
poderei para sempre viver feliz.
Ao ditador que me deixou uma cicatriz
não me proibiu de sonhar em pensamentos;
escrevi na memória conhecimentos
em defesa da pátria, do meu país.

Vamos seguir o que a Constituição nos diz
defendendo a liberdade de expressão;
a escola combaterá a opressão
da forma que o povo sempre quis.
Educar o pobre, o miserável, o infeliz
combatendo a força do autoritarismo;
a América adotará o humanismo
e a dominação sofrerá exterminada;
nossa Nação, enfim, será libertada
das cruéis garras do imperialismo.

PEDAGOGIA DA INCLUSÃO

A criança na mente pede o cultivo
exigindo sua natural libertação;
no seu lar, na escola, a educação
é o eixo que promove o incentivo.
O afeto é, sem dúvida, o distintivo
que no seu peito precisa configurar.
Reprimir, humilhar, castigar
só sepulta seus sonhos e fantasias;
dê a ela o raio de novos dias
renovando seu ambiente escolar.

A escola precisa propiciar
um ambiente alegre e inovador;
é papel eminente do educador
construir um aconchegante lugar.
É preciso investir no alicerce do sonhar
e repensar o papel da educação.
Educar para a vida é transformar a Nação,
é resgatar a cultura como preciosa herança;
é dedicar nossa alma ao *projeto criança*
e construir caminhos que norteie o cidadão.

Os incluídos democratizam a gestão,
pois democracia é não deixar excluir;
a escola precisa cuidar dos que estão ali
evitando o paradigma da evasão.
Conhecer do educando, seu coração
e conviver junto à sua realidade,
participando da sua vida, de verdade,
depositando no seu peito a confiança;
uma criança só que ter a esperança
de saber o que seja a felicidade.

Uma jovem na sua flor da idade

não pode abandonar a escola sua,
ficar verdadeiramente nua
e sair à venda pela cidade.
Depender da própria sensualidade
para sonhar com a sua independência,
se humilhar, vender a carne, pedir clemência,
ser amada falsamente todo dia,
ver seu corpo se tornar mercadoria
tudo em nome de uma vil sobrevivência.

Essa dor que desonra a decência
fere a alma, destrói a vida e o lar,
faz uma mãe de joelhos chorar
e um pai conviver com a penitência.
Faz a moral do país ir à falência,
a nação sepultar os seus valores,
faz a escola perder atores e escritores
médicos e outros profissionais;
faz os presídios se encherem de marginais
e os cemitérios se enfeitarem de flores.

Educadores, conselheiros, promotores,
devem se unir em defesa dessas crianças,
garantindo-lhes seus direitos e esperanças,
atenuando seus fracassos e suas dores.
Os adolescentes serão na vida vencedores,
sem precisar amanhã serem condenados.
A família não terá mais filhos assassinados,
vítimas de um sistema caduco e violento
e as visitas fúnebres de dor e de lamento
diminuirão no tristonho Dia de Finados.

Vemos alunos mal alimentados
que pelas ruas clamam por uma escola;
perderam os sonhos de possuir uma escola
e nas calçadas lamentam envergonhados.

Os seus pais na lista dos desempregados,
solitários, sentem a tristeza inundar seu lar.
Uma mãe preocupada põe-se a chorar
ao ver sua filha sofrer doente numa cama;
aquela criança que a escola tanto ama
poderá ficar sem o direito de estudar.

Sua panela já não tem o que cozinhar,
o seu corpo pede algo para nutrir,
suas lágrimas a impede de sorrir
à miséria que tomou conta do seu lar.
Sua mente, agora, odeia estudar,
é mais uma na lista dos excluídos;
os seus sonhos agora estão ofendidos
e sua alma soluça expatriada;
sua família agora está condenada
a viver no país dos oprimidos.

Resgatemos agora os sonhos perdidos
de uma órfã do direito de estudar;
amanhã eu quero vê-la sonhar
com seus direitos humanos garantidos.
Seus valores que, outrora, foram feridos
jamais agora poderão ser novamente.
Aquele anjo, aquela alma, aquela inocente
que vivia pelas ruas pedindo esmola
deverá permanecer na escola
usufruindo seus direitos legalmente.

Toda escola deve lutar bravamente
contra o ódio de grupos insensatos,
facções que com ilícitos atos
deixam o jovem viciado e dependente.
Sua vida é marcada tragicamente
pelo domínio das drogas que o devora;
o traficante covardemente apavora

toda nossa indefesa sociedade;
ele mata e destrói sem piedade
e a família da vítima é quem chora.

O estudante é perseguido toda hora,
envolvido por constantes tentações;
o traficante elabora suas lições
e repassa ao inocente lá fora.
O aluno da escola vai embora
conviver em outra escola da vida.
Sua vida será desonrada e ferida
pelo tráfico bárbaro e assassino,
que em silêncio rouba da escola um menino
transformando-lhe em matéria falecida.

Nossa escola jamais será vencida
pelas práticas do crime organizado;
nosso aluno não será manipulado
pela voz de uma dinastia bandida.
Nossa luta continuará fortalecida
frente ao forte poder de alienação;
nossa arma é a arte da educação
que liberta, que educa e que ensina;
nosso aluno não precisa de cocaína
para enfrentar os problemas da Nação.

De bandeira no peito, com lápis na mão
o educando avança buscando glória;
abrindo caminhos, construindo história,
valente no ensino, priorizando a razão.
Vencendo a batalha, ganhando seu pão
suando a camisa, feroz a lutar.
Não desiste da vida, ele quer estudar,
a estrada é longa, o caminho é difícil,
a fé alimenta o seu sacrifício,
ciente que a luta não pode parar.

Uma criança inocente, ela vive a sonhar:
sonha os mares, os lagos, os rios,
sonha os risos, lágrimas, desafios
e sonha os degraus de sua vida escolar.
O adulto não pode seu sonho matar,
pois, assim, mataria a arte e o saber.
A criança é dinâmica, ela quer aprender
sem nunca perder suas raízes, seu meio;
o seu aprender não poderá ser alheio
aos costumes que nutre o seu doce viver.

O incluir não poderá simplesmente ser
o fato de acolher uma criança;
o incluir vai além da esperança
da escola apenas lhe receber.
A inclusão, ela só vai acontecer
quando a criança adquirir conhecimentos.
Respeitados seus direitos, seus pensamentos
sua cultura e o seu modo de vida,
a inclusão não será reconhecida
se respeitado não for os seus sentimentos.

Recebamos com amor e sem ressentimentos
com humildade, carinho e eficiência
qualquer criança que tenha uma deficiência
e que convive com seus direitos isentos.
Não podemos deixá-los viver como detentos,
que condenados imploram por liberdade.
O respeito às diferenças é uma qualidade
que a escola precisa, enfim, adotar;
sua eficácia contribui em transformar
este regime tácito da sociedade.

Combater o império da sagacidade
que impõe seus rastros de covardia
é não deixar o educando à revelia

dos fatos que marcaram nossa realidade.
Incluí-lo é um ato de solidariedade
e de resgate aos valores de sua mente;
é valorizando esse mundo inteligente
e fazendo a criança acreditar na vida
que a escola honrosamente agradecida
adotará mais um filho deficiente.

A educação de forma simples e consciente
deve acolher esse filho com eficiência
não importa qual seja sua deficiência,
pois é preciso recebê-lo alegremente.
Nesse dia a Pátria ficará sorridente,
o Brasil aplaudirá agradecido.
Aquele lar não será mais ofendido,
pois a escola abençoou os filhos seus;
a família com fé agradeceu a Deus
e o aluno foi estudar enaltecido.

Nossa pátria brasileira finalmente
nunca mais será órfã de alegria;
construiremos a nossa cidadania
de forma humilde, justa e competente.
A marca da paz gloriosamente
triunfará no seio desta nação;
será extinto o mal da corrupção
e a escola pública mostrará seu heroísmo;
combateremos a ideologia do racismo
fazendo valer a nossa Constituição.

Faremos do histórico processo de inclusão
algo dinâmico, que evolua e se renove;
a lei 10.639
que combate com afinco a discriminação
veio dar suporte a uma nova educação
que seja democrática por inteira,

respeitando a cultura afro-brasileira
e proclamando seu caráter antirracista;
extinguindo a ideologia neofascista
e respeitando a mais longínqua fronteira.

Foi o negro que com sua força guerreira
deu à luz a este imenso Brasil;
de sua luta jamais ele desistiu
e construiu uma cultura verdadeira.
Foi esta raça, pacata, valente e ordeira
que mudou o cenário desta nova realidade.
O negro africano com sua real capacidade
mudou os rumos deste Brasil cultural
e a sua riqueza ético-racial
democratizou as portas da universidade.

A nação negra construiu nossa unidade
com a força que lhe é peculiar;
durante séculos com seu sangue a derramar
pintou a tela da arte da liberdade.
A utopia lhe trouxe dignidade
o seu suor, o sabor do heroísmo.
A sua terra vestiu-se de patriotismo
renegando suas margens periféricas
e o sistema escravocrata das Américas
viu nascer, do quilombo, o socialismo.

A tua cor não tem cor de conformismo,
tem cor de arte, esporte e cultura;
no teu peito não bate o som da amargura,
o som que sai é o som do idealismo.
Como é forte teu civismo, teu nativismo,
tuas origens, teu sangue e teu pudor.
Pode entrar, nossa escola reconhece teu valor
a cada dia, a cada mês e a cada ano,
pois nos porões atravessaste o oceano

e neste chão vieste plantar o amor.

A raça negra é brasileira, sim senhor,
sua cultura honrosamente sobreviveu;
sua pátria não morreu, o negro venceu,
dominou a opressão, suportou a sua dor.
O negro Brasil é negro doutor,
doutor no estudo e na consciência;
doutor na política, na arte, na ciência,
doutor do trabalho que não vive de escola;
doutor da humildade, doutor da escola,
doutor que conhece sua real competência.

A educação inclusiva tem a incumbência
de acolher e de cuidar do educando;
deixá-lo firme na escola estudando
e demonstrar toda sua eficiência,
a exemplo do índio que na sua eminência
muitas vezes são ali discriminados.
Abandonam a aldeia, na rua ficam jogados,
mendigando uma sobra de comida;
o País lhes causou uma ferida
e até hoje eles não foram curados.

Inicialmente eles foram escravizados
pelo avanço do capital comercial
e atualmente a exclusão social
os tornaram índios expatriados.
Outrora, sabemos, foram quase dizimados,
vivendo, hoje, de forma muito carente;
muitos deixam sua cultura e sua gente d
eixam o seu berço e saem para trabalhar;
outra gente é que vai lhe explorar,
pois agora está excluído, faminto e doente.

Suas terras são invadidas ilegalmente

por grileiros e grupos madeireiros;
suas riquezas são exploradas por estrangeiros
e suas tradições agora tombam decadente.
Aquele povo, aquela raça, aquela gente
desprovida de projetos sociais
são entregues a organismos oficiais
já caducos e deteriorados;
os indígenas vivem hoje maltratados
e esquecidos por seus órgãos federais.

Que nossos filhos não se tornem instrumentos
das mãos maléficas e cruéis do narcotráfico;
que não tenham um fim doloroso e trágico
e que a família não se encha de lamentos.
Que nossos filhos nunca sejam detentos,
nem se tornem da justiça prisioneiros;
que nossos filhos não se tornem pistoleiros
e nem autores do real mundo do crime;
que meu país, amanhã não se lastime
por não cuidar desses filhos brasileiros.

Que a escola forme homens verdadeiros
conscientes do papel de cidadão;
que as páginas da nossa Constituição
politize outros jovens companheiros.
Que esses jovens sejam eternos guerreiros
e que suas armas sejam armas culturais;
que suas conquistas sejam conquistas legais
em benefício dessa terra e dessa gente;
e que as mazelas dessa situação vigente
se transformem em melhorias sociais.

Que na Nação haja menos desiguais
que a renda não gere desigualdade;
que nossos filhos clamem por liberdade
e que os gastos não sejam mais imorais.

Que os corruptos residam de vez nas penais
e que os valores neste país sobreviva;
que a ética triunfe de forma decisiva
e que as drogas sejam extintas do dia a dia;
que a escola pública construa a cidadania
e a educação se torne, de vez, inclusiva.

AMAZÔNIA PECULIAR

Amazônia da heterogeneidade,
berço sociolinguístico e cultural,
seu pluralismo socioambiental
faz gerir sua multiculturalidade.
Cada língua é uma peculiaridade
que renasce numa heterotopia.
A floresta não se curva à hegemonia,
sua luta é ecossocialista,
militância antiimperialista
que não cala a voz da cidadania.

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Sou Abunã, sou Mamu, sou fronteira
sou Brasil, sou Bolívia, sou floresta;
sou um pouco do azul que ainda resta
sou a luz de identidade guerreira.
Sou a água desta terra brasileira,
que namora a água boliviana;
sou a fonte da fé que não se engana,
sou rio no rio, sou alimento;
sou a gota d'água de nascimento
que brotou da língua que me irmana.

PROCLAMEMOS A REPÚBLICA

Proclamemos a justiça social
no país onde reina a corrupção;
derrotemos o mal da prostituição
dando à criança o seu direito divinal.
Sepulemos o preconceito racial
respeitando toda raça e etnia.
Aceitemos as diferenças do dia a dia
neste berço inter/multicultural;
condenemos a demagogia nacional
e adotemos os caminhos da cidadania.

Proclamemos no país a dignidade
dando ao povo saúde e educação;
conquistemos com trabalho o nosso pão
sem precisar usar de deslealdade.
Matemos a fome do campo até a cidade
alimentando os famintos do Brasil.
Atentemos para um lar feliz e sadio
onde a família possa ter paz e lazer;
não deixemos nenhuma criança morrer
erradicando a mortalidade infantil.

Proclamemos a ética e a cidadania
respeitando a Constituição Federal;
combatamos o desmatamento ilegal
adotando a lei da florestania.
Defendamos com amor a soberania
sem ferir nenhuma pátria estrangeira.
Respeitemos com orgulho nossa bandeira
repudiando o crime e a bala perdida,
pois nossa gente só será bem protegida
se proclamarmos a República brasileira.

HOMENS DE FERRO, ESTRADA DE SANGUE

No silêncio da noite adormecida
o vento manso não para de soprar
sobre os corpos, chuva para molhar
sobre o chão, a alma pura, esquecida.
O sangue brota da quase morta, ferida,
quanta dor, quanta arte, quanta gente;
por entre os trilhos plantou-se uma semente
que nem o tempo jamais conseguiu vencer.
O dormente dorme para nunca mais morrer,
vive a história sob um Estado negligente.

Ouço o eco do cemitério eclodir
de um povo pedindo justiça a Deus;
remanescentes, agora os filhos seus
não deixarão o patrimônio partir.
Por que querem a cultura destruir?
Não deixemos a estrada malogar.
Defendemos, levantemos, vamos lutar,
o patrimônio precisa sobreviver,
a história não poderá perecer
e a estrada precisa se libertar.

Candelária, Três Marias: nossa imagem,
dimensão ontológica iniludível;
Rondônia, território mais aprazível
várias línguas adoçaram tua linguagem.
Trilhos e dormentes enfeitam tua paisagem,
a Serraria da 11 nunca morreu,
a estrada vive! o povo não te esqueceu!
O instituto da vida somos nós:
história, arte, cultura e voz,
neste jogo o povo nunca perdeu.

DA CAATINGA AO SERINGAL

Baseado na obra *Arigó*, de Raimundo Ferreira de Souza

Provindo do reino da poesia
e intitulado “Da caatinga ao seringal”
nasceu da leitura simples e genial
de *Arigó*, no qual li com alegria.
Quando o autor me presenteou um dia
fui tomado por inteiro de emoção.
Aí senti-me na humilde obrigação
do seringueiro homenagear
e através da literatura popular
demonstrar toda minha gratidão.

“Da caatinga ao seringal” se pode ler
a saga de uma família nordestina
que fugindo da sua mais triste sina
procurou um mundo melhor pra viver
e através dos Ferreira se pode ter
uma visão histórica da migração,
que em busca de uma nova região
e de uma vida entrelaçada à sorte
vai encontrar nos seringais lá do Norte
um habitat diferente do sertão.

Da caatinga migra um cassaco valente
com a força e a fúria que possui;
sua busca acirrada se evolui
numa luta feroz, brusca e ardente.
O combate é travado arduamente
num final comovido de emoção;
o cassaco se apaixona por este chão
e se transforma num autêntico guerreiro;
reina o grito destemido do seringueiro
no império selvagem da extração.

Pesquisando as fontes da literatura
deparei-me com um livro genial,
do Nordeste sofrido ao seringal
foi possível dar paralelo à cultura.
Depois de fazer essa mistura
transformei *Arigó* em poesia
e numa rima sem engodo, nem fantasia
vou falar desses dois cantos do mundo
que da mente sábia de Raimundo
fez ressurgiu na história um novo dia.

No princípio da bela apresentação
de *Arigó*, livro assim intitulado
o autor já se mostrou fascinado
pelas raízes assombrosas do sertão.
Foi buscar nas origens daquele torrão
a valentia de um povo sofredor
que no peito realçado pela dor
tinha como sonho fugir da agonia
construir um lar e fixar moradia
num espaço mais justo e acolhedor.

Nas imortais linhas de *Arigó*
originárias das entranhas do Nordeste
uma família sortida de cabra da peste,
de Pedra de Abelhas e Mossoró.
Naquelas cidades ou por aquele arredó
os Ferreira construíram seu cenário
trabalhando de modo rude e precário
sem perder a coragem e a paciência
e com garra tinham eles a incumbência
de matar a fome do seu sertão lendário.

Desafiando seu habitat com paciência
tentando fugir da sua mais triste sina
aquela brava família nordestina

sempre prezou pela ética e a decência.
Na incansável luta pela sobrevivência
não se importava em comer camaleão,
teiú, peba, preá, cassaca, canção
ou somente ver seu rosto puro no prato
mostrando a face e o retrato
estampadas na caatinga do sertão.

A humilde família era chefiada
por João Ferreira e D. Luzia,
um casal que manteve a cada dia
uma união sincera e imaculada.
Numa casa pequena, mas organizada
construíram um lar puro e abençoado,
que protegido pela fé do livro sagrado
encontraram nele forças para lutar
e somente aquele amor pôde acalmar
o lamento do sertão injustiçado.

Acuados e longe das grandes invenções
sem amparo e sem nenhuma assistência
condenados pela seca à penitência
a família não fugiu de seus padrões
e mesmo presa às suas limitações
conseguiu todos seus filhos criar,
ensinando desde cedo a trabalhar,
ser honesto, ser leal, obediente,
ser orgulho de todo povo decente
e ser amigo em todo canto que andar.

Os conselhos proféticos da experiência
fruto de João Ferreira de Santana
era a cartilha mais justa e mais sana
aplicada com bastante eficiência.
O ofício de ferreiro era a ciência
de onde vinha o mais escasso alimento,

pois da oficina conseguiu dar o sustento
a doze membros de seu sagrado lar;
os dez filhos que tão bem soube criar
fizeram parte deste fiel sacramento.

Mas quando o cassaco da roça se cansa
de viver a vida castigado
se transforma, fica muito revoltado,
perde do peito sua última esperança.
Se unem para ver se um dia alcança
mais justiça no império do sertão,
percorrem a caatinga de armas na mão
se tornam lendários bandoleiros;
e quem comanda esses cangaceiros
é Virgulino Ferreira, o Lampião.

Bandoleiro do sertão ao agreste
era um homem temido e respeitado,
querido por alguns e por outros odiado
tornou-se ali um feroz cabra da peste,
cangaceiro que apavorou o Nordeste
sempre pronto a morrer ou a matar.
Mas um dia ele encontrou um lugar
que abalou o Rio Grande do Norte;
foi Mossoró armado e forte
que obrigou Lampião a recuar.

Mas o velho e humilde João Ferreira
essa vida conturbada nunca escolheu;
no sertão nasceu, viveu, cresceu
de uma forma honrada e guerreira.
O trabalho foi sempre a sua bandeira,
a família foi sempre a sua glória,
mas o gosto esperado da vitória
despertava acontecer noutro lugar;
era a vez do sertão anunciar

a renúncia de seu João na sua história.

Aquela família, faminta em seu lar
morte em vida da cruel opressão,
na face triste a marca da exclusão
nos seus direitos apenas de sonhar.
Penitentes que sonham naquele lugar
tentando apagar do peito a cicatriz,
uma família que insiste em ser feliz
agora escuta um governo opressor,
que aparece na seca como salvador
por entre os órfãos de pátria e país.

No início dos anos quarenta,
no altar de uma seca nordestina
uma notícia que ilude e que fascina
aparece como uma fé que alimenta.
E no sertão pelo que se comenta
é chamado do Governo Federal
que o nordestino valente e leal
deixe de lado a fome e a dor
e se torne importante produtor
da famosa borracha natural.

Motivados por dinheiro e patriotismo
os rapazes foram logo se alistar
e animados começaram a planejar
a viagem de sucesso e heroísmo.
Imbuídos na política do populismo
já sonhavam em conquistar a riqueza
e os solteiros de toda aquela redondeza
já pensavam em receber uma faixa:
era o título de “Soldado da Borracha”
que traria prosperidade e grandeza.

Bem antes já havia acontecido

a primeira saga de nordestinos,
foram eles os primeiros peregrinos
a deixarem o seu berço querido.
Mas naquele sertão sofrido
a propaganda é cada vez mais forte
e a Amazônia para eles era a sorte
que no Nordeste acabara de chegar;
a vontade agora é de viajar
e conhecer os seringais lá do Norte.

No início, João Ferreira não aceitou
a ideia de os rapazes viajarem:
“eu não quero que vocês se separem”,
assim o patriarca falou.
Mas, tempos depois concordou
pois ele pode toda família alistar.
Começaram, então, a se preparar
e a falar de um mundo desconhecido
diferente daquele sertão sofrido,
que como ninguém soube amar.

O látex extraído da seringueira
parecia uma carta de alforria
que, como mágica, logo acabaria
com os problemas da família Ferreira.
E a pátria mãe brasileira
se passando por protetora e bondosa
noticiava a propaganda enganosa
de forma confiante e séria,
decretando a transformação da miséria
numa vida feliz, justa e honrosa.

À revelia da política nacional
o sertão vestiu-se de patriotismo;
a esperança figurava no extrativismo
e a confiança no Governo Federal.

O Estado fortalecido pelo capital
comandava uma histórica migração
e os efeitos sutis da alienação
escondia-se numa cortina de heroísmo
que sob a tutela do capitalismo
escoava o ouro branco da Nação.

Os Estados Unidos em agonia
evocando sua força armamentista,
na mais dura guerra imperialista
demonstrava seu poder e hegemonia.
No Brasil, apodera-se e financia
o governo a fazer a migração;
em seguida, comanda a extração
do precioso látex brasileiro
que das mãos divinas do seringueiro
brotava a borracha de exportação.

A família Ferreira já não escondia
a precisa manobra do destino,
onde o velho torrão nordestino
ficava mais choroso a cada dia.
Pois aquele velho chão, todavia,
anunciava uma breve despedida,
uma terra que durante toda uma vida
foi parceira e amiga inseparável,
não escondendo o gemido lamentável
daquela separação sofrida.

Na mais dura e triste despedida
vê-se o pranto tomar conta do lar;
a velha forja solitária ficou por lá
enfeitando aquela noite entristecida.
Não vão ver cactos ou coisa parecida
noutra vida que agora irá surgir;
eles migraram pra viver sem agredir,

sem matar, humilhar ou maltratar;
viver do leite, sem precisar desmatar,
viver no mato, sem precisar destruir.

O sonho da família Ferreira
virou, enfim, uma realidade;
a viagem agora é de verdade
rumo à Amazônia brasileira.
A velha Mãe Seringueira
vai ter mais filhos para criar,
para amar, para cuidar e amamentar
sem nunca deixar faltar o pão;
e em troca a mãe só quer proteção
para o seu leite nunca faltar.

O velho patriarca se despedia com
a voz trêmula e soluçante
procurando na vida um horizonte
que lhe desse luz a um novo dia.
Um caminhão lotado dali saía
para chegar em Mossoró e Fortaleza.
O seu João embalado na tristeza
perguntava com dó ao filho Raimundo:
“será que a vida lá neste mundo
vai nos trazer tanta riqueza?”

E Raimundo com 19 anos de idade
o filho mais velho dos Ferreira,
sem temer perigo, nem barreira,
respondeu a seu pai com sinceridade:
— Meu pai, sem ódio e sem vaidade
nossa família vai morar noutro lugar,
tenha certeza, nossa vida vai mudar,
tenha coragem e muita fé em Deus,
pois estando ao lado dos filhos seus
nunca na vida iremos te abandonar.

Adeus, caatinga do meu sertão,
caatinga que me dói, me dá pena,
caatinga da fé, da reza da novena,
do oratório, do andor, da procissão.

Caatinga do nosso rei Lampião
do cabra da peste, do cangaceiro;
caatinga da flor do marmeleiro,
da beldroega, do pião, do catolé,
caatinga do bule de café,
caatinga da sombra do juazeiro.

Caatinga do cacto, palma, mandacaru,
do angico, da jurema, do trapiá,
da oiticica, do muquém, do juá,
da broca, da foice e do andu.
Caatinga do sequilho e do beiju,
do cuscuz de milho e do feijão;
da tapioca, da canjica, do capitão;
caatinga da capela e da Banda Cabaçal;
caatinga da roça, do trabalhador rural,
caatinga das rezas de Frei Damião.

Caatinga do burro, jumento e cadela
do “coxim”, da esteira e da cangalha,
caatinga do breu, do cigarro de palha,
caatinga do alforje, cambito e sela.
Caatinga do alpendre, bodega e cancela,
caatinga da rima, viola e cultura;
caatinga lamento, caatinga amargura,
da casa de taipa, cacimba e do sol;
caatinga do milho que enfeita o paiol
nos tempos de chuva que brota fartura.

Caatinga da forja, quadrilha, vaquejada,
caatinga do massapé, do arreio e arado,
caatinga do repente, forró e reisado,

caatinga da coivara, bodoque e enxada.
Caatinga do 38 e da 12 polegada,
caatinga da arapuça que armava e caía.
Caatinga das noites de cantoria,
caatinga da água limpa em ancoretas,
caatinga da vaca conduzida com careta,
caatinga da arte da leitura e da poesia.

Caatinga da codorniz e inhambu,
Asa branca, assum preto, canção,
caatinga do guará, preá e camaleão,
caatinga da fava, da buchada e do angu.
Caatinga da pamonha e fritada de teiú,
do mungunzá, do caçuá, do cortiço,
do jabá, do cajueiro e do passadiço,
caatinga do fiar da mulher rendeira,
do quebra-queixo e da benzedeira,
caatinga da fé em “Padim Ciço”.

Adeus, meu Nordeste, adeus meu sertão,
sertão do alfenim, batida e cachaça,
sertão da goma, bolo de puba e cabaça,
da peixeira, chapéu de couro e gibão,
do peso de pedra, papo amarelo e pilão,
sertão da chibanca, da rede e do pote,
do cassaco esperançoso e sem sorte,
da sanfona, da zabumba e do “pife”,
sertão do poder, do político patife
que enganou os soldados lá nas bandas do Norte.

De Fortaleza, a humilde família partiu
num navio com destino a Manaus;
a viagem estressante foi um caos
deixando o povo tristonho e doentio.
O nordestino naquele instante sentiu
a imensa vontade de voltar;

era tarde, não podia mais recuar,
foi à luta, resistiu, chegou, venceu;
Amazônia à vista! a emoção bateu,
teu filho ilustre acabara de chegar.

Depois de passar por Belém do Pará,
Manaus foi a próxima parada,
a família duramente castigada
trinta dias ficou lá a esperar
até José Licindo Moura chegar
para fechar uma negociação.
O seringalista tornou-se o patrão
da eminente família Ferreira,
arigós da Amazônia brasileira,
seringueiros combatentes da Nação.

A família Ferreira só pedia
para acabar com aquele sofrimento,
a angústia, o forte arrependimento,
que é a pior dor que se sentia.
E o velho João, já doente. ele pedia
para que Deus lhe mostrasse uma luz,
que tirasse da família o peso da cruz
e que um dia, feliz, pudesse sorrir;
o sonho agora era o seringal Peri,
localizado lá nas margens do Purus.

O patriarca da família chega doente
naquele tão almejado seringal,
e apesar de acometido por um mal,
estava lúcido de corpo e de mente.
Um soluço que apareceu, de repente,
lhe persegue, lhe maltrata, lhe devora;
agonizando, ele diz chegou a hora
abraçando a esposa e os filhos seus;
o velho João lacrimando disse adeus,

despediu-se da família e foi embora.

Outro golpe triste e fatal
que a família Ferreira sentiu
foi quando de novo assistiu
a forte dor bater no seringal.
A filha mais nova também passou mal
ficando frágil e muito doente;
Aldenora, aquele anjo inocente,
não resistindo à dor da saudade
foi morar com seu pai na eternidade,
alegre, feliz e sorridente.

A família mergulhada na agonia
nunca sentiu tamanho sofrimento,
mas a fé foi o mais forte alimento
que Raimundo a toda a família pedia.
Como chefe, aquele jovem sabia
que não podiam retornar ao sertão.
Aqueles “brabos” com determinação
atravessavam os varadouros no peito,
adquirindo cada vez mais respeito
dentro e fora de qualquer colocação.

O exaustivo trabalho não impedia
a família de perder a esperança;
a seringueira era a única herança
que a natureza pôde presentear um dia.
A velha matriarca Luzia
lutadora pela vida e pelo pão
dava amor, muita fé e proteção
a seus filhos, que tão bem soube criar
e a família finalmente pôde ganhar
muito mérito no processo da extração.

O seringal com sua originalidade

era repleto de paz e harmonia;
o desrespeito à natureza não existia,
pois ela tratava todos com lealdade.
Parecia uma procissão de irmandade
que o seringueiro tinha com a floresta;
os passarinhos conduziam a orquestra,
a mata virgem ofertava o alimento;
o rio limpo complementava o sustento
sacramentando aquela mais linda festa.

No antagonismo do mundo capitalista
o cenário adquiria uma nova cor;
o patrão, preocupado mais com o valor
demonstrava o seu lado materialista.
Desse modo, se via no seringalista
a sua cotidiana preocupação:
aumentar velozmente a produção
da valiosa borracha natural
explorando a mão de obra no seringal,
lucrando alto na comercialização.

Adaptados com a vida na região
a família Ferreira se destacou;
os compromissos ela sempre honrou,
trabalhando com muita força e união.
Da vizinhança ganhou admiração,
confiança e credibilidade;
fortalecendo seus laços de amizade
participava de festas e de forrós;
agora são importantes arigós
conhecidos pela sua honestidade.

Mas, quando um dia a família voltava
de uma festa que havia acontecido
uma tragédia deixou a todos sentido
numa noite que o destino preparava;

a embarcação rapidamente afundava
causando ali muita emoção e tristeza
e um pequeno seringueiro da natureza
na agonia tentava sobreviver;
aquele jovem pedindo para não morrer
foi carregado pela força da correnteza.

Começaram então a procurar
por toda noite aquela linda criança
e a família já perdendo a esperança
caía no pranto e começava a chorar.
O seu corpo, só foi possível encontrar
quando o dia pesaroso amanheceu.
André Ferreira tristemente faleceu
deixando muita tristeza e saudade;
aquele menino de oito anos de idade
foi mais um anjo que Jesus recebeu.

A família apesar de muito sofrida
não podia parar de trabalhar;
precisava as suas contas quitar
e retomar a sua luta pela vida.
O dilema daquela família aguerrida
era encontrar uma melhor colocação.
conseguir uma excelente produção
almejando uma sobra de dinheiro,
pois toda meta que tinha o seringueiro
era obter um bom saldo no barracão.

O varão da família Ferreira
sentindo a dor da solidão,
atendendo ao pedido do coração,
resolveu procurar uma companheira.
A sua investida foi certa
e Raimundo arrumou um casamento
recheado de amor, paixão e sentimento.

Sebastiana Nunes de Souza
tornou-se a eterna e feliz esposa
daquele fiel sacramento.

O feliz matrimônio aconteceu
em mil novecentos e cinquenta
e aquele lar fiel aumenta
quando o primeiro filho nasceu.
Raimundo Ferreira o nome que recebeu,
por Ferreirinha foi logo apelidado;
aquele menino, esperto e bem-educado
logo ganhou uma companhia,
pois nasceu a sua irmã Maria,
constituindo um casal bem aplicado.

Mas o chefe da família não esquecia
de praticar sua outra profissão;
a herança herdada do velho João
em sua mente ainda permanecia.
O ofício de Ferreira sempre trazia
uma ajuda para a família se manter
e Raimundo esperançoso em crescer
nunca, porém, abandonou a extração,
pois quem cheira a fumaça do buião
jamais, um dia, poderá dela esquecer.

Os Ferreira começaram a sonhar
em conquistar melhores seringais;
descobrir na região outros locais
onde a família pudesse lucrar.
O Acre agora é o lugar
do próspero reino da extração,
de almejar uma boa colocação
e sorrir para os céus e para glória;
os Ferreira vão construir sua história
num pacato e belo torrão.

Influenciado por Napoleão,
Raimundo Santana viu uma luz
e deixando de lado o baixo Purus
foi morar noutra região.
“Na família não quero separação”,
dessa forma Raimundo falou,
lembrando o velho pai com amor;
o novo patriarca assim fez
e em mil novecentos e cinquenta e seis
no estado do Acre chegou.

Na incansável luta pela felicidade
em Rio Branco toda a família chegou;
uma nova história ali começou
para durar toda uma eternidade.
Aquele povo e aquela bela cidade
serão sempre eternos companheiros,
pátria amada de todos os brasileiros
que alimenta a esperança dessa gente,
sofredores que plantaram a semente
adubada pela fé dos seringueiros.

A família acostumada na extração
pesquisou sobre novos seringais;
a convivência nos palcos florestais
sempre trouxe alegria e distração
e naquela sagrada comunhão
de uma experiência larga e notória
os Ferreira partiram em busca da glória
enfrentando seu histórico dilema
e no seringal São Francisco do Iracema
escreveram uma nova trajetória.

Na colocação Sedeia se instalaram
com a mesma vontade de outrora
e às margens do igarapé Caipora

os Ferreira cresceram e prosperaram
e arduamente trabalharam
sem perder a coragem e a decência
respaldados pela larga experiência
adquirida em anos de extração,
honrando as suas contas no barracão
e sempre zelando pela independência.

Mas, um dia eles tiveram um desagrado
com um fato que ali aconteceu;
Nenilce num namoro se envolveu
deixando o lar realmente preocupado.
Aquela jovem arrumou um namorado
e se entregou ao fogo ardente da paixão;
Edimilson conquistou seu coração
fazendo a moça abandonar sua família
e o rapaz, com os pais Alfredo e Odília,
foram com ela morar noutra região.

Os problemas procuraram enfrentar
sem precisar más ações cometer;
Raimundo com seu sábio proceder
sempre soube a questão apaziguar.
Os Ferreira honrados em trabalhar
retomaram os serviços com paciência
demonstravam sempre competência
e gastando de acordo com o que ganha
e no fabrico ou na extração da castanha
sempre honraram a sua sobrevivência.

No seringal, numa certa madrugada,
Miguel, esposo de Chica Ferreira,
numa vida sensata e costumeira
foi colher algumas frutas numa estrada
e uma armadilha tirou sua caminhada
quando foi seriamente acidentado.

Seu joelho foi ali estraçalhado
por um tiro que lhe pegou de surpresa
e a família mergulhada na tristeza
carregava o seu corpo ensanguentado.

Miguel ainda conseguiu sobreviver
a custas de muito sacrifício;
precisou abandonar o seu ofício
sem nunca da extração esquecer.
Esse acidente fez a família sofrer
e repensar sua vida noutro lugar.
Além disso, outro fato foi reforçar
os Ferreira traçar novo itinerário,
pois com a falência do seu arrendatário
na Sedeia não quiseram mais ficar.

Assim, aqueles notáveis guerreiros
prosseguiam na autêntica valentia;
a vontade de vencer a cada dia
alimentava os seus sonhos verdadeiros.
Naquela saga, esses heróis seringueiros
encontravam um novo reino para morar;
desta vez, os Ferreira foram parar
num distante e isolado local,
se instalando na colocação Tabocal,
pertencente ao seringal Novo Andirá.

Juntos, a família ali só estava
com Raimundo Ferreira de Santana;
quatro filhos, a esposa Sebastiana,
e a mãe Luzia, que nunca se separava.
Outra parte, em Rio Branco, ficava,
pois antes decidiram ficar por lá.
Miguel também ficou para se tratar
do acidente que havia acontecido
e os Ferreira mesmo estando dividido

nunca ficaram sem se comunicar.

No seringal Raimundo nunca esquecia
de praticar, do pai, a velha profissão;
a cultura, herdada do velho João
renovava-se fortemente a cada dia.
Sempre ao lado da matriarca Luzia
nunca deixou seu ofício de ferreiro.
Aprendeu com seu mestre verdadeiro,
esse puro e fiel ensinamento
e a floresta no mais grato sentimento
adotou o ilustre filho seringueiro.

Manter as contas sempre em dia
era uma honra para todos os Ferreira;
Sebastiana, na profissão de costureira,
no orçamento ajudava e contribuía.
Nos finais de semana, todavia,
a família se envolvia no roçado;
o trabalho, às vezes duro e forçado
era a única forma de sobreviver;
a fé em Deus e a vontade de vencer
alimentava aquele lar abençoado.

O primogênito de Raimundo Santana,
chamado pela família de Ferreirinha,
logo cedo o seu pai lhe encaminha
no difícil mundo da extração.
O garoto demonstrava perfeição n
o exercício da arte dos seringais;
do pai herdara, seus traços, seus sinais
invocando uma exímia habilidade;
uma criança sem luxo, nem vaidade
irá mais tarde ter seu nome nos jornais.

Certa vez, o garoto Raimundo Ferreira

foi incumbido de fazer uma missão
correr às pressas até outra colocação
para trazer com urgência uma parteira.
Ferreirinha, numa passada certa,
enfrentou o medo e sumiu no mato;
pensando na mãe sofrendo no quarto
pedia: “Deus, ilumine os passos meus”,
abençoe minha mãe, meu Deus,
ofertando a ela felicidade no parto.

Na colocação Santa Rosa ele chegou
e conseguiu a parteira encontrar;
contou a história sem querer demorar
e ao lado dela rapidamente voltou.
Chegando em casa, Ferreirinha já gritou:
“Pai: eu trouxe a parteira”.
A alegria na família foi por inteira
ouvindo o choro do recém-nascido;
Ferreirinha se sentindo agradecido,
chorava aos pés da mãe seringueira.

Raimundo Santana, alegre e sorridente
apoderou-se de sua fiel espingarda
e começou a fazer uma disparada,
anunciando o nascimento àquela gente.
Aquele povo foi chegando, de repente,
daquele jeito, todo mundo sempre igual,
com a humildade da vida no seringal,
foi carne frita e cachaça a noite inteira;
e o nascimento de Chico Ferreira
trouxe alegria na colocação Tabocal.

Meses depois desta comemoração
a família Ferreira se comoveu;
a filha de Raimundo Santana adoeceu
causando, ali, muita tristeza e emoção.

O remédio caseiro, muita reza e oração
não conseguiu aquela menina curar;
Maria do Perpétuo não pode se salvar
foi para o céu, enfeitar o firmamento
e a família não escondia o lamento
daquele anjo que desfalcou o seu lar.

Apesar da dor que sempre perseguia
aqueles determinados arigós,
não dispensavam nunca seus forrós,
que era o único momento de alegria.
O seringueiro dançava e se divertia
até raiar e pegar o sol com a mão;
aqueles brabos tremiam a colocação
ao som da zabumba, sanfona, pandeiro;
tomava pinga escondida no barreiro,
depois chorava pela dor de uma paixão.

Depois de trabalhar quase três anos
com afinco, no seringal Novo Andirá,
e depois de bastante analisar
as suas vitórias e desenganos
os Ferreira traçaram logo seus planos
para viver numa outra região.
Tinham eles agora a preocupação
de preparar um novo e belo destino:
dar aos filhos uma escola e um ensino
oferecendo-lhes uma boa educação.

Os Ferreira vão deixar a colocação
rumo à sede do seringal Novo Andirá
e, depois de suas contas quitar,
tomaram as rédeas com muita atenção.
Acertaram também na negociação
que um comboio levaria sua bagagem
e Raimundo Santana em meio à coragem

em vinte dias uma canoa construiu;
juntou a família, entrou no rio e partiu
e finalmente realizaram a viagem.

Ao passar pela sede do seringal
a Porto Acre a família se destina;
reflete, senta, pensa, combina
até chegar ao pensamento final.
Parece ali que a colocação Tabocal
seria a última etapa da extração.
Já cansados de anos de exploração
e com a idade já bastante avançada
os Ferreira iniciam nova jornada
sem nunca perder a união.

Mas, os Ferreira jamais irão esquecer
ou jamais irão deixar de amar
do seringal, seu berço, sua vida, seu lar
que para sempre irão defender.
Por essa pátria são capazes de morrer
com a força de uma família guerreira,
ilustres filhos da floresta brasileira
irmanados pela fé dos seringais;
os que morreram se tornaram imortais
pela defesa da nossa Mãe Seringueira.

Seringal da estrada e da colocação,
do varadouro, do comboio, do noteiro,
do rodo, do pique, do mateiro,
da borracha, tapiri e barracão.
Seringal do mundo da extração,
do traço, do cavaco e da raspadeira,
da espinha de peixe, faca e bandeira;
seringal do toqueiro, do balde, da tigela,
do látex, poronga, cabrita e péla,
seringal do reino da seringueira.

Seringal dos tempos de aflição,
da chuva, do frio e do calor;
seringal da manga, do defumador
e da fumaça, por onde sopra o buião.
Seringal do fabrico e do espigão,
seringal que não pode perder sua voz.
Seringal do oito, pernas e forrós,
da estopa, do sarugo e da sangria;
seringal da espingarda que protegia
nossos brabos e valentes arigós.

Seringal amado e explorado,
seringal do corte, da colha, do facão;
seringal das danças, briga, da confusão,
seringal do saco de encauchado.
Seringal do pequeno roçado,
dos peixes, matas e animais;
do sapato de seringa, dos vegetais,
seringal do rio que sempre te banha;
seringal da colheita da castanha,
seringal das rezas e rituais.

É este o eterno e vivo seringal
que os Ferreira sempre viveram;
pra lá vieram, nasceram, cresceram
sem a ele nunca fazer o mal.
Restaram lá as cruzes como sinal
em homenagem aos heróis sepultados.
A floresta mantém a todos guardados
com orgulho que sempre irão sentir,
mas outros povos insistem em destruir
sem saber que ali serão condenados.

No ano de mil novecentos e sessenta e três
em Porto Acre, a família chegou;
num terreno que Raimundo comprou

uma roça rapidamente ele fez.
Pra Ferreirinha agora chegou sua vez
de ingressar na sua vida escolar;
o menino seringueiro vai estudar
e lutar pela sua felicidade,
vai estudar com grande capacidade,
sempre pensando em um dia se formar.

Ferreirinha com treze anos de idade
com sucesso foi alfabetizado
e demonstrando invejável aprendizado
sempre teve excelente assiduidade.
Dos seringais restou apenas a saudade,
pois, agora, a prioridade é o ensino;
no corpo daquele grande menino
pra poronga ou cabrita não há lugar;
seu desejo agora é estudar
e abraçar com amor o seu destino.

Na escola Major Venceslau estudava
com carinho e muita dedicação;
aquele menino de extrema educação
no roçado do pai, também trabalhava.
No orçamento da casa sempre ajudava
sem rejeitar qualquer dificuldade.
O velho pai, agora, via a necessidade
não apenas a de sobreviver;
ao filho também queria oferecer
os estudos de uma faculdade.

Dois anos após sua ingressada
na tão sonhada vida escolar
Ferreirinha acabara de ganhar
uma irmã pura e abençoada.
Agora, aquela família amada
estava com seu lar completado.

Ferreirinha agora tem a seu lado
sem contar Maria, já falecida,
Nenzinha, Lurdes e Deuselite querida,
além de Francisco, seu irmão adorado.

Em mil novecentos e sessenta e sete
Ferreirinha concluiu o curso primário;
aquele menino, aguerrido e lendário
passava bonito em todo tipo de teste.
Carrega o sangue de cabra da peste,
originário da caatinga do sertão.
Sentiu o cheiro da fumaça do buião
a quem declara um amor puro e eterno;
em suas mãos, agora é livro e caderno
e, na sua mente, a sonhada formação.

Raimundo tem agora a preocupação
de dar apoio aos estudos do menino;
em Porto Acre não tinha mais ensino
que desse ao filho uma continuação.
O patriarca quer agora uma educação
que ofereça o curso ginásial;
a capital, agora, é o alvo principal
para a família, enfim, se estabelecer;
Rio Branco é quem vai oferecer
os estudos ao filho do seringal.

Ferreirinha foi então se matricular
na Escola Técnica Acreana
e bravamente a partir daquele ano
o filho do seringal vai estudar.
Durante o dia o garoto vai trabalhar
fabricando tijolo em olaria;
com sacrifício, Ferreira conseguia
dar à família seu mais digno sustento
e sem ódio, sem rancor e ressentimento

levava a vida com amor e alegria.

O seu pai, seu velho companheiro
trabalhava também na olaria,
e apesar da idade não escondia
as saudades da vida de seringueiro.
O patriarca, também talentoso ferreiro
a cada dia se enchia de emoção
ao ver o filho mostrando na educação
a eterna vontade de vencer,
trabalhar, lutar, honrar, crescer
e se tornar importante cidadão.

Como o curso ginasial concluído
Ferreirinha vai encontrar uma barreira;
o estudante Raimundo Ferreira
pede a Deus para ser protegido.
Aquele jovem está agora decidido
enfrentar as provas de admissão;
o clima é de cautela e muita atenção,
pois só passando ele iria ao 2º grau;
a emoção invade o filho do seringal
que fica rezando pela sua aprovação.

Raimundo Ferreira na ansiedade
esperou o resultado sair;
ao ver a lista, começou logo a sorrir
e partiu com toda a felicidade.
Aquele vitória, de fé, raça e vontade
foi motivo de muita comemoração;
muitos abraços e muita emoção
a alegria foi ali um só griteiro;
esse menino trabalha o dia inteiro,
e ainda passou no exame de admissão?

A rotina de Raimundo Ferreira,

aos poucos, começava a mudar;
o rapaz começou a namorar
com uma linda cabeleireira.
Uma moça educada e trabalhadeira
que conquistou de vez seu coração,
Oneide Costa, o nome de sua paixão
era uma moça oriunda do seringal,
que veio tentar encontrar na capital
uma vida diferente da extração.

O rapaz almejando outra profissão
e procurando desviar o seu percurso
vai enfrentar desta vez um concurso
que lhe daria uma outra posição.
Ele queria um setor de administração
que lhe formasse como profissional;
fez as provas e o resultado afinal
saíu em mil novecentos e setenta e dois;
e exatamente cinco meses depois
tomou posse na Universidade Federal.

Três anos depois desse acontecimento,
que mudou sua vida completamente,
Ferreirinha, agora um rapaz decente
realizou um feliz casamento.
O matrimônio foi palco do nascimento
de três filhos que tão bem soube amar.
Leonardo, Giordane e Lucas foi formar
uma família abençoada por Deus
e Raimundo, Oneide e os filhos seus
construíram esse sagrado lar.

Na incansável luta pelo saber
o filho do seringal compete
e em mil novecentos e setenta e sete
uma nova batalha pôde vencer.

Cada vez mais querendo crescer
enfrentou o vestibular e passou;
cursar Letras, ter nível superior
era o que ele mais queria;
Ferreirinha cada vez mais descobria
sua força, seu talento e seu valor.

Atendendo pedido da universidade
que queria investir em sua formação
Raimundo recebeu a indicação
para cursar outra faculdade.
A UFAC precisava, na verdade,
de um profissional bibliotecário
e como ele já era funcionário
dedicado, organizado e ativo
iria como auxiliar administrativo
noutro campus universitário.

Em convênio criado com a UnB
a UFAC lhe encaminha para Brasília,
que apesar de mais distante da família
esta chance ele não poderia perder.
Raimundo Ferreira vai agora poder
cursar biblioteconomia
e em mil novecentos e oitenta ele conseguiria
concretizar, enfim, sua formatura;
aquele homem dedicado à cultura
foi por Deus agraciado naquele dia.

Escalando os degraus da educação
Ferreirinha luta, estuda, se organiza;
vai à frente, depois se especializa
na área de sistemas de informação.
Em seguida, ele faz pós-graduação
na mesma área que se formou;
faz metodologia de ensino superior

adquirindo cada vez mais qualidade,
e mostrando dentro e fora da faculdade
respeito, força de vontade e valor.

Dessa forma, Raimundo Ferreira venceu,
ético, como homem e trabalhador,
da biblioteca foi autêntico diretor,
honrando os cargos que exerceu.
Aquele menino que o seringal conheceu
é defensor da floresta e ambientalista;
ele é bibliotecário documentalista,
na vida um homem de boa conduta;
o filho do seringal promete ir à luta
sem esquecer seu berço extrativista.

Quando se torna necessário pontuar algumas questões para se esclarecer pontos, pontuações...

Abel Sidney Miguel Nenevé



o poesia tem acentuada vocação estética, mas não só. É possível por meio de textos poéticos filosofar, ensinar, panfletar, cantar, tecer loas, expressar indignação, debater temas simples ou complexos.

O veículo do texto poético, quando não a prosa poética, são os poemas em verso.

Verso, bem sabemos, é cada linha do poema; um conjunto de versos é o que chamamos de estrofe. Logo, verso e estrofe, tradicionalmente, compõem uma das faces deste gênero textual, a poesia (estudada, cantada, mas por vezes pouco entendida).

Outras faces complementam verso e estrofe: métrica, rima e ritmo.

Importa destacar, para o objetivo desta nossa conversa, que além de proporcionar musicalidade a um poema, as rimas também fazem a **marcação da leitura**. Os diversos tipos de rima e suas características quanto à fonética, acentuação, posição no verso e na estrofe ampliam as possibilidades de se romper, quando necessário, com as regras tradicionais, como que possibilitando o predomínio do conteúdo e sua expressão em contraposição a meras formalidades, quaisquer que sejam.

Métrica, do mesmo modo, pode e deve servir ao poema e sua expressividade. Por isso, a flexibilidade na sua utilização mais que bem-vinda, é necessária. Muito depende da vocação de cada poeta, porém. Para Robert Frost, o poeta americano famoso por cantar a natureza, “escrever poemas em métrica é como jogar tênis sem rede”, visão totalmente contraposta por seu contemporâneo Ezra Pound. Os dois poetas acabaram se desentendendo por causa de suas concepções, distintas, sobre a criação poética.

A própria concepção de estética é muito questionada. Para o queniano Ngugi Wa Thiong’o, a estética não pode estar separada do contexto em que o poeta vive, assim como uma flor bonita não está separada dos ramos de uma árvore, que por sua vez está plantada em algum lugar na terra. Para o argentino Walter Mignolo, a palavra estética tem que voltar ao seu significado original, dos gregos, quando a estética tinha a ver com o sentir, não podendo ser

desconectada do seu tempo e lugar. Para Mignolo, estética, de *aesthesis*, não pode ser algo “neutro”, não pode ser sentido sem uma conexão com o mundo circundante.

É de conhecimento do leitor que há quase um século as estruturas fixas (sonetos, baladas, rondós, haicais e outras) não mais determinam como os poemas devem se vestir para se expressarem.

Na alfaiataria que o movimento modernista trouxe, modos de compor e experimentar conferiram maior liberdade, o que se traduziu em novas combinações para os figurinos poéticos.

Assim, modos novos de versejar permitem aos poetas transitar, sem medo, entre as formas tradicionais e as abordagens contemporâneas em que a artesanaria da escritapoética permite fazer misturas harmônicas e/ou dissonantes sem risco de se causar má impressão ou parecer transgressão.

Marquelino Santana ao ser desafiado pelo seu orientador Josué Costa, no doutorado em Geografia, transformou discussões filosóficas em **poesia**. Por conta de sua afinidade com a terra natal – é cearense – e com a prática de versejar já desenvolvida, escolheu o modo nordestino de compor e cantar, como nos repentes, mas os moldou adequadamente em razão das dificuldades que teve que enfrentar: transformar um texto acadêmico em poemas.

Talvez para um poeta cearense a escrita e o estilo acadêmico não haveria muito sentido se não fosse ao mesmo tempo versejado, possibilitando que se atingisse também a comunidade de leitores de Extrema e seu entorno amazônico, comunidade que vive longe da academia. Na realidade, é muito elogiável a postura do autor de querer aproximar seu texto de pesquisa da comunidade em que vive. Um acadêmico muitas vezes se pergunta: quantos lerão meu trabalho? Quantos leitores eu atingirei além daqueles que compõem a banca examinadora? Esta é uma preocupação visível de Marquelino.

Acostumado a versejar para falar coisas do cotidiano, bem como para homenagear seu povo e sua origem, ele decidiu que sua pesquisa poderia ser colocada em versos. Temos, por exemplo, uma introdução como esta: “A presente tese é resultado/ de uma vivência natural poetizante/ às margens de um rio estetizante/ que pelo homem se tornou divinizado./ O rio Mamu aqui é analisado/ na fronteira ontológica do humano/ onde o homem em seu cotidiano/construiu um lugar em seu viver,/ incorporando na essência de seu ser/ a identidade do seringueiro brasiviano”.

O leitor, de imediato, pode perceber que há uma fidelidade do autor

em relação ao conteúdo da tese, como há uma atenção para que a rima seja mantida. Isso pode eventualmente influenciar na sonoridade (ou não sonoridade) do texto. O próprio poeta Prêmio Nobel de Literatura, Bob Dylan, já foi criticado por, muitas vezes, exagerar na busca da rima, em instâncias como esta: *"We don't need any back seat drivers/ Hypocrites, meddlers or cheap connivers/ Both of us are survivors/ Don't be confused, you'll only be used"*. Francisco Marqueline, na sua intenção de atingir uma comunidade de leitores maiores, justamente a comunidade que é objeto de sua pesquisa, trouxe um texto em rimas, que nem sempre são de fácil sonoridade. Portanto, respeitando sua intenção é que pensamos em manter o conteúdo acadêmico, mas aproximá-lo mais da poesia, facilitando, quiçá a fluência na leitura do texto.

Em razão disso, a nossa condição de editor (com o apoio do nosso consultor) forçou-nos a seguir na mesma trilha: nos amoldar, com as ferramentas que tínhamos em mãos, à proposta do autor, que é **conversar cantando** com os seus leitores/ouvintes.

Para tanto, lançamos mão da **pontuação**, a começar pelas maiúsculas e minúsculas e, seguindo adiante, trabalhar em cada contexto próprio, as pausas possibilitadas por vírgulas, pontos e vírgulas e pontos finais.

A pontuação, tal como aqui definida e utilizada em cada poema, permitiu driblar as limitações da métrica, preservar a expressividade do conteúdo e o ritmo por meio das rimas.

Bechara (2012, p. 80-81) ensina sobre o emprego das iniciais maiúsculas, que deve vir "No começo do período, verso ou citação direta". Numa observação logo a seguir, porém, ele nos lembra o uso "à espanhola, **a minúscula no princípio de cada verso**, quando a pontuação o permite". (grifo nosso)

Tomando o ensinamento de Dahlet (2006): "partindo do princípio que a maiúscula é pontuação porque cria um jogo diferencial quando entra em oposição com a minúscula", ousamos nos utilizar da possibilidade da diferenciação, noutro contexto e objetivo, para criar **segmentos** ou **blocos de conteúdo** que precisaram ser **expressos poeticamente**, mas sem obedecer a rígidos padrões de métrica, rima ou outros elementos.

Daí que o modo espanhol de colocar os versos em minúscula foi utilizado com muita frequência, somado a outras manobras de pontuação, para que o leitor possa perceber a **segmentação**, os blocos de conteúdo expressos poeticamente, em várias partes de uma estrofe.

Um exemplo visual poderá esclarecer melhor o que vimos apontando:

Bachelard nos instiga a refletir

na fenomenologia da imaginação, um produto intrínseco da percepção onde a alma do ser pode sentir.

A imagem poética é o luzir

que emerge da própria consciência; é a pureza do ser em sua essência, um desdobramento do pensamento; a origem imaculada do sentimento encontrada nas temporalidades da vivência.

Não se trata aqui de trazer inovações, mas de nos utilizarmos do que nos proporcionou a prática poética neste último século, no Brasil, e que se estampa nas obras canônicas ou de cunho popular, fornecendo-nos ferramentas úteis – para escritores e editores.

Esperamos que os rearranjos estéticos introduzidos nesta obra e nos demais livros da série (*Poemas da vida amazônica*) permitam não somente uma leitura o mais possível fluida dos versos, mas também incite os leitores à declamação em viva voz, prática que precisa ser recuperada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais kawaib da terra indígena Uru – Eu – Wau – Wau, em Rondônia. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. A poética dos devaneios. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios da vontade. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BLACHE, Paul Vidal de La. Da interpretação geográfica das paisagens (1908). Neuvième International de Géographie. Compte rendu des travaux Du Congrès, Genebra. Société general d'imprimerie (18), 1911, pp. 59-64. Trad. Guilherme Ribeiro.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa participante – o poder da partilha. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

CASSIRER, Ernest. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática, 2007.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. Epistemologia da geografia. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. Espaço e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COHEN, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cultrix, 1974.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia política e geopolíticas: discursos sobre o território e o poder. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

COUTO, Alexandre; COUTO, Judith. KAXARARI, Miguel, Edmilson, Clemilda, Aldeir. Cartilha Kaxarari (1). Porto Velho, Sociedade Internacional de Linguística, 2005.

DANTAS, Kelen Gleysse Maia Andrade. "Nas fronteiras da 'terra prometida': trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre". Dissertação de Mestrado, Rio Branco, 2009.

DARDEL, Eric. O homem e a terra. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. Pesquisa participante – Saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber livro, 2004.

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.

ERNESTO, Pedro Filho. Por dentro da cantoria. 1. ed. Fortaleza: Ademir Costa Editor. Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013.

ERNESTO, Pedro Filho. Cidadania do repente. 1. ed. Fortaleza: Programa Cultura da Gente. Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

FERREIRA, José Fernandes. Filosofia da reflexão poética. 1. ed. Impressão particular. Fortaleza, 1988.

FROST, Robert. **Selected Poems of Robert Frost**. Intro. Robert Graves. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1963.

GABARRÓN, Luís R; LANDA, Libertad Hernandez. O que é pesquisa participante? In: Pesquisa participante – o poder da participação. BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Regional – Global: dilemas da região e da regionalização da geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HAESBAERT, Rogério. Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HAESBAERT, Rogério. Viver no limite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogério. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Niterói: EDUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Blocos internacionais do poder. São Paulo: Contexto, 1994.

HAESBAERT, Rogério; GONÇALVES-PORTO, Carlos Walter. A nova desordem mundial. São Paulo: UNESP, 2005.

HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sérgio Nunes; RIBEIRO, Gui- Iherme (orgs). In: Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 1992.

HENRIQUES, Isabel Castro. Percursos da modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século

XIX. Lisboa, IICT/ICP, 1997. Versão portuguesa de Commerce et changement en Angola au XIXe siècle. Imbangala et Tshok- we face à la modernité. Paris, L'Harmattan, 1995, 2 vols.; "L'urbanisation commerciale en Angola au XLXe siècle", in Universo urbanístico português 1415-1822. Lisboa: CNCDP, 1998, pp. 313- 330; "Comércio e organização do espaço (c. 1870-1950)", in Actas da III Reunião Internacional de História de África - A África e a instalação do sistema colonial, 1885-1930. Lisboa: nCT, 2000, pp. 71-90.

HENRIQUES, Isabel Castro. Território e identidade. A construção da Angola colonial (c. 1872-c. 1920). Lisboa: CHUL, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Que é isto filosofia? Identidade e diferença. São Paulo: Lumiar das Cidades, 1971.

HEIDEGGER, Martin. Os problemas fundamentais da Fenomenologia. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Ontologia – Hermenêutica da facticidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Ser e verdade. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Marcas do caminho. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da linguagem. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. A essência da liberdade humana: Introdução à filosofia. Rio de Janeiro: Viaverita Editora, 2012.

HOLZER, Weber. A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70.

LIMA, Geórgia Pereira. Brasivianos: culturas, fronteira e identidades. XXVIII Simpósio Nacional de História, 27 a 31 de julho. Florianópolis-SC, 2015, p. 10.

LINS, A. Estellita. Linguagem internacional e diplomacia. Brasília: Escopo Editora, 1987.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001.

MARKHORST, Jochen. “**We Better Talk This Over**”: Bob Dylan’s Rhyme, Rhythm, Reason and once live too.” Disponível em <<https://bob-dylan.org.uk/archives/8590>>.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira – A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, Elson. *Mata virgem*. Manaus: Edição do Autor, 1981. MOLES, ABRAHAM. *O cartaz*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NEVES, Flávia. **Estrutura externa de um poema**. Disponível em: <www.normaculta.com.br/estrutura-externa-de-um-poema>.

RANZI, Pedr. *Vamos falar o acreanes*. Rio Branco: EDUFAC, 2017. SANTANA, Carlos César; SOUZA, Israel Pereira Dias de. *Disputas e reconfigurações territoriais na Amazônia-boliviana: um estudo sobre o Departamento de Pando*. II encontro da sociedade brasileira de sociologia da Região Norte – 13 a 15 de setembro de 2010. Belém.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, junho/1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Jandir Silva dos. *Filosofando: Revista de Filosofia da UESB*. Ano 1, n. 1, janeiro-junho de 2013, ISSN: 2317-3785.

SAUER, Sérgio; WELLINGTON, Almeida (Orgs.). *Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas*. 1. ed. Brasília, s/d.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. *Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Editora UNB, 2011.

SECRETO, Maria Verônica. *Soldados da borracha*. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, F. C. Geografia e poesia lírica: considerações sobre *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard. *GEOUSP – Espaço e Tempo*. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 60 - 75, 2015.

SILVA, Maria das Graças. *O espaço ribeirinho*. São Paulo: Terceira Margem Editora Ltda., 2000.

SILVA, Josué da Costa. Mito e lugar – Parte V. *Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente* - set. n. 13, vol. II, 1998.

SILVA, Josué da Costa. Cuniã: Mito e lugar. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

SILVA, Sidney Antônio (Org.). Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Hucitec, 2012.

SILVA, Sílvia Simione da. Resistência camponesa e desenvolvimento agrário – uma análise a partir da realidade amazônico-acreana. Rio Branco: EDUFAC, 2011.

SOUZA, Raimundo F. Arigó. São Paulo: Scortecci, 2004.

SOUZA, Charles Benedito. Geopolítica na Pan-Amazônia: territórios, fronteiras e identidades. *Revista Geoamazônica*, n. 2. Vol. 1. Belém. 2014.

SOUZA, C. Alberto. História do Acre – Novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Autor & Editor, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

FRANCISCO MARQUELINO SANTANA - é doutor em Geografia Pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus Porto Velho e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura Amazônica – GEPCULTURA, do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNIR e pesquisador sobre Geografia Poética, bem viver e Fenomenologia Poética Ontológica das populações originárias e tradicionais da Pan – Amazônia. Professor, poeta, escritor, cronista e colunista do site newsrondonia.com.br. Marqueline Santana reside no distrito de Extrema – Município de Porto Velho no Estado de Rondônia e é autor de importantes obras, tais como: Poemas da Vida Amazônica (trilogia poética); Seringueiros brasivianos do rio Mamu e Crônicas da Pan – Amazônia, dentre inúmeros artigos e capítulos de livros publicados. O autor é ainda membro – comendador da Câmara Brasileira de Cultura e pesquisador do grupo de pesquisa Geografia Política, Território, Poder e Conflito da Universidade Estadual de Londrina.

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Escola e bem viver

Volume 3 | 2ª edição

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

POEMAS DA VIDA AMAZÔNICA

Escola e bem viver

Volume 3 | 2ª edição



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

